



Breves reflexões sobre os textos jornalísticos de Monteiro Lobato

Robson Bastos da Silva¹

Resumo

Este trabalho analisa a produção jornalística de Monteiro Lobato no período compreendido entre 1914, quando publica o texto "Uma Velha Praga" no jornal O Estado de S. Paulo, e 1921, com o lançamento da coletânea "A Onda Verde", que reúne a obra jornalística sobre as áreas em que o café está em ascensão no Brasil. A pesquisa analisa a visão crítica do jornalista Monteiro Lobato sobre as questões que envolviam temas sociais e que refletem os modelos atuais do conceito de cidadania.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Jornalismo. Cidadania.

Reflections on the journalistic texts of Monteiro Lobato

Abstract

This paper analyzes the journalistic production of Monteiro Lobato in the period between 1914, when it publishes the text "An Old Prague" in the newspaper O Estado de S. Paulo, and 1921, with the release of the compilation "The Green Wave", which combines the journalistic work on the areas in which the coffee is on the rise in Brazil. The research analyzes the critical view of the journalist Monteiro Lobato on issues involving social issues and that reflect the current models of citizenship.

¹ Professor Doutor da Universidade Santa Cecília (UNISANTA) e da Universidade de Taubaté (UNITAU). E-mail: robsonbast@gmail.com.

Recebimento: 07/06/2012 • Aceite: 21/07/2012

Keywords: Monteiro Lobato. Journalism. Citizenship.

Introdução

No dia 12 de novembro 1914, José Bento Monteiro Lobato inicia uma trajetória que o faria reconhecido mundialmente como escritor de textos infantis, contos e crônicas. Nessa data, o artigo "Uma Velha Praga" estamparia uma página do jornal O Estado de S. Paulo, caracterizando também o início de sua intensa produção jornalística. Proprietário de uma fazenda no interior do Estado de São Paulo, Monteiro Lobato recorre ao jornal para expor sua indignação com relação à desinformação do homem do campo que, como recurso para a lavoura, ateava fogo no solo fértil para reiniciar a plantação. O texto, mais precisamente uma carta reclamando da situação, transformou-se em artigo, e Lobato, em colaborador do jornal.

A experiência rendeu-lhe espaço para divulgar suas idéias e expor seus pensamentos sob a forma de artigos, crônicas e posteriormente contos. Pouco tempo depois, em 23 de dezembro de 1914, Monteiro Lobato escreveria "Urupês", que serviria de base para seu primeiro livro em 1918 e o colocaria na posição de escritor no cenário nacional. Com o lançamento da coletânea "A Onda Verde", que reúne a obra jornalística sobre as áreas em que o café está em ascensão no Brasil, o escritor dá grande enfoque às questões relativas ao meio ambiente, realizando, através da publicação em jornais do início do século, reflexões sobre o cidadão brasileiro - indivíduo capaz de detectar as causas de seus males e de apontar soluções.

A pesquisa iniciada em 1999 com o texto "O polêmico jornalista Monteiro Lobato", pretende divulgar o perfil jornalístico de Monteiro Lobato enquanto formador de opinião, que por diversas vezes utilizou pseudônimos para escrever em jornais no início do século XX. O objetivo principal é analisar a visão crítica do jornalista e escritor sobre as questões que envolviam temas sociais e que refletem os modelos atuais do conceito de cidadania.

Uma Velha Praga

Em 1914, bastante preocupado com as queimadas que tradicionalmente eram feitas nos terrenos próximos à sua fazenda Buquira, no Vale do Paraíba, Monteiro Lobato resolve escrever uma carta ao jornal O Estado de S. Paulo, pedindo ao secretário do periódico que o publicasse na seção de "Queixas e Reclamações". Porém, passados alguns dias, ficou surpreso com a publicação da carta: o matutino editou-a como sendo o texto de um colaborador. O artigo se denominava "Uma Velha Praga", e foi escrito em tom de desabafo, demonstrando com muito realismo os malefícios daquele hábito tão arraigado no Brasil. Monteiro Lobato escreveu uma autobiografia com o pseudônimo de Guy-Ga (Martins,1982:6) em 1935, onde descreve o episódio:

"Ano de guerra e de seca, sem caça no cerrado e sem palmito no limpo, o de 1914 foi implicitamente o ano do fogo. (...) Ameaçado de ver suas terras calcinadas, isto é, reduzida à situação da Bélgica invadida, pela maldade de um inimigo anônimo, o jovem fazendeiro sentiu, pela primeira vez na vida, necessidade de um desabafo. Pegou a pena, estendeu diante dela duas folhas de papel 'diplomata' e com toda força de sua revolta, 'sapecou' uma carta ao jornal 'O Estado de S. Paulo'. (...) O artigo intitulava-se 'Velha Praga' e pintava, ao vivo, a calamidade do 'fogo posto'. Escrito com desabafo, sem influências literárias, sentia-se nele o estalido da brasa e o ronco leonino da labareda. Era impressionante. Era soberbo. Impressionara e comovera a redação. E daí a colocação, que havia tido, como trabalho de mestre, na grande folha da capital". (MARTINS, 1982, p. 6)

O começo da carreira de colaborador em jornais de projeção nacional como O Estado de S. Paulo impulsionaria os ideais de Monteiro Lobato, como ele mesmo descreve, sob o pseudônimo de Guy-Gay:

"Deste dia em diante, Monteiro Lobato, que andava pelos trinta anos, não pensou mais no incêndio de suas matas nem na devastação de seus palmitais. Sentia 'uma força indômita' arrastá-lo para a mesa, para o papel em branco, para a pena pesada de tinta. Escreveu outra 'reclamação'. Mandou-a. E a resposta veio, desta vez em uma carta, em que o 'Estado' lhe pedia preço para uma 'reclamação' regular, uma vez por semana. Apenas, para não alterar o regime estabelecido na imprensa, lhe pedia que ao fazer os seus artigos 'reclamantes', não escrevesse nos dois lados do papel. Dois artigos reclamatórios, mas escritos com a sinceridade rude, de quem havia lido, até então, apenas a grande bíblia da Natureza, e era Monteiro Lobato um nome nas letras paulistas". (MARTINS,1982, p. 6)

O outro artigo ao qual o escritor se refere é "Urupês", publicado em 23 de dezembro de 1914. Nesse texto nasceria a primeira versão de Jeca Tatu, o qual, no texto "Uma Velha Praga", seria chamado de "caboclo". Destacado por sua pobreza e ignorância, o caboclo é, para Monteiro Lobato, o "piolho da terra". Seus artigos provocaram discussões sobre a

miséria em que viviam os autênticos caipiras e renderam a Lobato expressão nacional. Estudiosos da literatura de Monteiro Lobato apontam esse início de carreira do escritor, ainda que como articulista de um jornal, como sua fase mais agressiva. Lobato se penitenciaria mais tarde do retrato impiedoso que fizera do caboclo e do Jeca Tatu: "O Jeca não é assim; está assim".(CAVALHEIRO,1962:6) As críticas a Monteiro Lobato partem desde a suposta parcialidade do escritor-fazendeiro, sincero mas vendo a realidade segundo uma ótica viciada, até os defensores do movimento modernista de 1922, que consideram os artigos publicados n'O Estado de S. Paulo e, posteriormente, os contos reunidos em "Urupês" como voz alguém que critica no papel de patrão, "preocupado em firmar a personalidade de uma pátria subjugada, cerceada pelo afrancesamento presente em todas as esferas da vida cotidiana e institucional". (CAMARGOS,1998:135).

Monteiro Lobato, ao longo de todo seu percurso no campo jornalístico, dá ênfase às questões relacionadas ao nacionalismo, ou seja, ao apontamento das questões sociais emergentes no cenário nacional. O pesquisador Júlio César da Silva (1980:86) analisa o texto "Uma Velha Praga" a partir do discurso ideológico presente na narrativa, relacionando no texto uma oposição entre os problemas que preocupam a vida da cidade (a guerra, a evolução bélica dos alemães) e os que abalam a vida no campo (a queimada). Para tanto, faz a relação entre o texto jornalístico e o literário: "Comparado com os contos, este texto demonstra o predomínio do discurso ideológico, sendo por esta razão analisado com tanto rigor pelos críticos que lhe examinavam as repercussões políticas. (...) Em 'Velha Praga' vemos duas grandes unidades: 1ª) revelação de um problema rural - o fogo nas matas; 2ª) descoberta do responsável pelo problema - o caboclo. Monteiro Lobato destaca a superficialidade das preocupações que estão voltadas para um fogo distante (o da guerra), enquanto um grave problema se alastra num fogo próximo (o das matas)".

O mesmo pesquisador analisa ainda a figura do caboclo que daria início ao Jeca Tatu no texto seguinte publicado por Lobato. Em "Urupês", Jeca Tatu é apontado como a causa das queimadas, "pois, na irresponsabilidade que assume as cores da idiotice, o caboclo examina as aves, a floresta e queima a mata, levado por uma atitude de parasita. (...) Jeca Tatu ganha uma dimensão de 'praga social', com o que faria por merecer uma atenção especial do governo".(SILVA,1980:86) E, a partir dos textos que tratam das questões

referentes ao indivíduo em relação ao meio onde vive, o pesquisador conclui que "Monteiro Lobato não se limita a esclarecer uma história: ele introduz, ironicamente, nessas histórias agudas, críticas políticas e sociais".

A partir do discurso ideológico presente nos textos publicados na imprensa por Monteiro Lobato, o período compreendido entre 1914 e 1921 - ano da publicação de "A Onda Verde" - resgata o lado jornalístico do escritor, principalmente no que se refere aos textos que têm como enfoque as questões sobre o meio ambiente, tema que Lobato explorou na imprensa e em diversos contos publicados em coletâneas. Questões como ecologia, cidadania e participação social são destacadas ao longo desse período, entremeadas nas narrativas dos textos, compondo crônicas sociais cuja pertinência se faz presente nos dias de hoje.

Após a publicação de "Uma Velha Praga" e "Urupês", Lobato irá investir no campo jornalístico para expor suas preocupações. Intelectuais ligados ao jornal O Estado de S. Paulo fundam, em 1916, a Revista do Brasil, onde Lobato passa a ser colaborador. No ano seguinte, colabora com o início da edição vespertina do Estado, chamada Estadinho. O artigo tinha o título de "Mitologia Brasileira" e era resultado de uma pesquisa de opinião feita com os leitores do jornal sobre o personagem saci. Como resultado, Monteiro Lobato lança o livro "O Saci-Pererê: resultado de um inquérito". Em 1917, na cidade de Caçapava, surge a Revista Parahyba, onde colabora com textos (alguns deles sob pseudônimos), ilustrações e também passa a desenhar as capas.

Lobato utilizou diversos pseudônimos para publicar a sua obra. Estes são alguns: Lobatoyewsky, Yewsky, Pascalon, O Engraçado, Rui d'Hã,, Hélio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Josbem, Mem Bugalho Pataburro, Matinho Dias, B. do Pinho, Oswaldo, Rodanto Côr de Rosa, P. N., Yan Sada Yako, Nero de Tal, Gustavo Lannes, Antão de Vasconcelos, She, Emerson, Antão de Magalhães, Til, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Ed Schelling, Olga de Lima, Manoel de Souza, Oscarino, Vieira Lion, e F. H. Rangel.

Em março de 1918, motivado pelos médicos sanitaristas Belisário Pena e Artur Neiva, Monteiro Lobato escreveria uma série de artigos sobre saúde pública n'O Estado de S. Paulo, reunidos posteriormente no livro "Problema Vital". Em um dos textos, redefiniria o perfil do personagem Jeca Tatu: indolente não pela natureza racial, mas pela falta de condições de higiene e saúde. Em junho desse mesmo ano, adquire a Revista do Brasil,

lançando os primeiros passos para a criação da Editora Monteiro Lobato & Cia. Em 1921, Lobato lança "A Onda Verde", apontada como a obra que reúne sua produção jornalística sobre a ascensão do café.

A partir dos textos mencionados é possível descrever Lobato como o jornalista consciente de sua responsabilidade social. Para Gilberto Martins, "a preferência pelo realismo despertou em Monteiro Lobato o gosto pela tipicidade. Esta característica básica do realismo encaminhou-o na criação do tipo social que foi o protagonista da carta ao jornal 'O Estado de S. Paulo'. (MARTINS,1982:12) Para o historiador, Jeca Tatu foi a proposta inacabada de um personagem que tomou corpo com a carta de 1914 e o livro de 1918, "Urupês", cuja observação levou Lobato a personificar por meio de seus textos. Martins destaca que "do regional ao modelo de brasileiro, o Jeca 'evoluiu', levando neste transcurso toda a caracterização do homem brasileiro do particular para o geral. (...) O Vale do Paraíba, limite geográfico de observação e análise de Monteiro Lobato, só é ultrapassado, deixado de lado, quando ele abandona temporariamente a literatura e passa a fazer jornalismo em livros. Enquanto crítico de costumes, Monteiro Lobato viu e reproduziu um mundo que ainda pode ser visto e reproduzido na região". Nesse contexto de observação e crítica social, Lobato se justapõe no papel de jornalista, enquanto ser investido de um papel social.

Cremilda Medina afirma que nesse papel o jornalista tem como "função estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias".(MEDINA, 1982: 22) Revestido de uma linguagem acessível ao público leitor de periódicos, Monteiro Lobato irá apontar a realidade através de comparações entre a cidade e o meio rural.

Esse aspecto se observa nos textos do livro "A Onda Verde", onde as reflexões de Lobato se estendem além das questões relativas à cultura cafeeira - enfoque principal dos textos - e tratam de questões cotidianas com forte apelo à conscientização social. Nelly Novaes Coelho, professora na Universidade de São Paulo, aponta Lobato como um incansável batalhador, em vista da realidade brasileira de seu tempo, sintetizado numa personalidade ímpar, como está implícito na afirmação feita em carta a Godofredo Rangel: "procurar o que valha a pena ser".(COELHO,1998:139).

Para a professora, "sua multifacetada obra - como escritor, intelectual militante, empresário, cidadão ardorosamente empenhado no progresso do país, ou analista cético e apaixonado das grandezas e misérias do Brasil e do brasileiro de sua época - é a eloqüente prova dessa sua 'profissão de fé' na potencialidade do homem como construtor do progresso da humanidade". (COELHO,1998:139).

É a partir dos textos que compõem "A Onda Verde" que pode-se analisar a obra jornalística de Monteiro Lobato como reflexões que envolviam temas sociais e que refletem os modelos atuais do conceito de cidadania, enfocando as questões relativas ao meio ambiente.

Meio ambiente e cidadania

O livro "A Onda Verde", de 1921, em 252 páginas, em 1921 pela Monteiro Lobato Editores, reúne textos jornalísticos sobre a cultura do café, que se propaga como uma "onda verde", além de outros textos sobre arte moderna e cinema. Em 1946, foi lançada pela Brasiliense em edição conjunta com "O Presidente Negro". Os textos reunidos na obra são: "A onda verde", "O grilo", "A lua córnea", "O incompreendido", "Veteranos do Paraguai", "Os eucaliptos", "Os tangarás", "O pai da guerra", "Homo sapiens", "Luvas", "Dramas da crueldade", "Dialeto caipira", "Os livros fundamentais", "Condes", "Uruguiana", "O dicionário brasileiro", "O 22 da Marajó" e "A arte americana".

Monteiro Lobato inicia a obra com o texto homônimo ao título, onde descreve a expansão da cultura cafeeira em terras paulistas, colocando a figura do "grileiro" como o elemento do progresso acelerado e inseqüente. Nos textos seguintes, Lobato irá extrair da observação do cotidiano elementos de reflexão sobre diversos temas. Em "A lua córnea" fala da fotografia e do cinema e das possibilidades da comunicação através de imagens. Numa projeção do futuro descreve a cinematografia: "Recentíssima, coisa de ontem, já conquistou o mundo e imprimiu ao andamento do progresso um ritmo novo. Sua influência amanhã será tão grande como o é hoje a da imprensa. E é possível, mesmo, que seu destino seja sobrepor-se à imprensa, subalternizando-a como instrumento de propagação de idéias - a ela e ao livro".(LOBATO,1979:18)

Consciente, já prevê a indústria cultural avançar sobre o brasileiro: "O Brasil de amanhã não se elabora, pois, aqui. Vem de películas de Los Angeles, enlatado como goiabada. E a

dominação yankee vai se operando de maneira agradável, sem que o assimilado o perceba". (LOBATO,1979:23)

No texto "O pai da guerra" faz duras críticas ao Estado e seu processo de legitimação de poder através da opressão. A guerra, no caso, é apenas um elemento ilustrativo: "Não é o povo que faz a guerra, é o Estado. O povo limita-se ao papel de máquina, de carne sofredora e bode expiatório". Numa visão claramente funcionalista descreve o indivíduo que, consciente, entende seu papel na sociedade, ou que ao menos deveria compreender que

"a humanidade é o grande corpo de que cada povo ou raça é membro com funções especiais. Um é cérebro, pensa; outro é músculo, age; outro é pulmão, respira. Este é cigarra, canta; aquele é formiga, trabalha. Há o que inventa, há o que aperfeiçoa, o que industrializa, o que comercia. Há o artista, que compõe; há o sábio, que estuda; há o místico, que cria religiões. E todos se servem entre si, completando-se, numa interdependência maravilhosa da qual resulta o funcionamento harmônico do todo". (LOBATO,1979, p. 54-55)

A harmonia da natureza e a relação entre os seres vivos são os temas do texto "Homo sapiens", onde Lobato conclama os animais a deter o ser humano em sua jornada impiedosa de destruição. Mais uma vez o escritor parece prever o futuro:

"Vossa vida, animais, é perfeita de ritmo e de beleza. Se nela há perturbações; (...) se vos invadem todos os domínios, e vos incendiam os campos, e vos inundam as matas, e vos secam as águas, e vos drenam os pântanos - é ele que o faz. Ele, o macaco glabro, o rei por maquiavelice da má inteligência. Ele, o cultor consciente da arte da dor. Em toda a parte está o Homo como o próprio mal desnaturando, perturbando a harmonia das coisas. Em proveito próprio, ao menos? Oh, não! E não porque a maior vítima do homem ainda é o próprio homem".(LOBATO,1979, p. 62-63)

Esse discurso ecológico, feito em 1921, reflete exatamente o discurso dos ambientalistas que, hoje, pregam a conscientização do homem em defesa da natureza. Em "Os livros fundamentais", Monteiro Lobato fala da leitura como elemento conscientizador, base da formação do indivíduo, mais uma vez criticando o papel do Estado como impositor de valores: "O menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força, os horrorosos livros de leituras didáticas que os industriais do gênero impingem nos governos".(LOBATO,1979:84) O autor relaciona o prazer físico ao prazer de ler, sentido pelo qual deveria acontecer o aprendizado, da infância à vida adulta. E, ao lado do Estado, relaciona também a elite como propagadora de interesses próprios, pois "nosso povo ainda é colono. E assim será

enquanto a literatura for entre nós planta de estufa - desabrochada em flores como as quer a elite, e enquanto a pedagogia for a própria arte de secar as crianças com o didatismo cívico, criando, logicamente, o irreduzível horror à leitura que caracteriza o brasileiro".(LOBATO,1979:88)

A pesquisa aqui iniciada, que analisa a visão crítica do jornalista Monteiro Lobato sobre as questões que envolviam temas sociais, refletem os modelos atuais do conceito de cidadania a partir da definição dada por Pedro Demo, ou seja, "a competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada" (DEMO,1995:1) Lobato, utilizando-se da imprensa como meio propagador de idéias e conceitos, buscava a participação coletiva a partir da conscientização.

Conceito construído ao longo da história e nascido a partir das relações do capitalismo, a cidadania "aparece, sobretudo, como o compromisso comunitário de cooperação e co-responsabilidade. Cidadania pressupõe o estado de direito, que parte, pelo menos na teoria, da igualdade de todos perante a lei e do reconhecimento de que a pessoa humana e a sociedade são detentores inalienáveis de direitos e deveres".(DEMO,1995:279) O escritor/jornalista parecia plenamente consciente desse processo, pois afirmava: "É sumamente difícil aos contemporâneos de uma transição social apreender as linhas mestras do fenômeno (semear os valores emergentes dos novos tempos) e sobretudo prever até que ponto ele irá". (PENTEADO,1997:38)Mas, apesar das dificuldades, Lobato buscava construir a identidade brasileira como povo e nação.

Considerações finais

Os textos jornalísticos de Monteiro Lobato transparecem suas indignações com relação à realidade brasileira e suas preocupações com a unidade do indivíduo. Pesquisadores da obra lobatiana enfocam em seus textos infantis seu discurso ideológico visando formar mentes e corações num ideal futuro. Entretanto, acredita-se que ainda está por ser desvendada boa parte de sua produção jornalística em periódicos, nos quais Lobato escreveu utilizando pseudônimos. Esse desafio faz parte de um projeto iniciado em 1999, que busca a análise do discurso lobatiano nas relações circunstanciais entre texto e contexto social. O objetivo é apontar Monteiro Lobato como o homem de visão capaz de

detectar as causas dos problemas brasileiros de sua época, apontando soluções para o futuro não apenas na denúncia expressa em sua obra literária, mas no seu envolvimento direto com a imprensa visando a modificação do Brasil através da revolução de idéias e percepção da realidade.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Carmem Lúcia, CAMARGOS, Márcia & SACHETTA, Vladimir. Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. São Paulo: SENAC, 1997.
- CAMARGOS, Márcia Mascarenhas. Duas leituras de Lobato nos anos 20. In: Revista da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 56, jan./dez. 1998.
- CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato, vida e obra. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- COELHO, Nelly Novaes. Um dos dinamos da cultura brasileira na primeira metade do século. In: Revista da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 56, jan./dez. 1998.
- DEMO, Pedro. Cidadania Tutelada e Cidadania Assistida. Campinas: Autores Associados, 1995.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de (sup.). Monteiro Lobato. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Grandes Personalidades da Nossa História, V. 51).
- LOBATO, Monteiro. Urupês. 1ª ed. São Paulo: Revista do Brasil, 1918.
- _____. 24ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- _____. Problema Vital. São Paulo: Revista do Brasil, 1918.
- _____. A Onda Verde. São Paulo: Revista do Brasil/Monteiro Lobato Editores, 1921.
- _____. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- _____. Obras Completas de Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- MARTINS, Gilberto. Centenário da Morte de Monteiro Lobato. Taubaté: Edição Documento, 1982.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. Profissão Jornalista: Responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- OLIVEIRA, Maria Helena Martins de. Monteiro Lobato no processo de nacionalização da Literatura Brasileira. Universidade de Taubaté, Grupo de Pesquisa em Língua e Linguística, 1983.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. Os Filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.

PERUZZO, Cíclia M. K. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVA, J. C. Monteiro Lobato: panorama da obra e análise semiológica dos contos. Taubaté: Cronos, 1980. (Série Teses Universitárias, V. 1).